



CADA DIA NA BATALHA E A BATALHA DE CADA DIA: PSICODINÂMICA DO TRABALHO E SOFRIMENTO PSÍQUICO NA TRAJETÓRIA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS QUE SE PROSTITUEM.

Alessandra Daniely Costa Maia¹

De acordo com a Conferência de Beijing (1995), Conferência Regional das Américas (2001) realizada em Santiago do Chile e a demanda trazida pela população LGBT, após debates e discussões o Governo brasileiro tem se comprometido a promover ações de enfrentamento à homofobia, de proteção aos direitos humanos e de promoção da cidadania de travestis, transexuais, lésbicas, gays e bissexuais e no ano de 2004 foi oficialmente lançado o Programa de Combate à Violência e à discriminação e de promoção da Cidadania de Homossexuais, o “Brasil sem Homofobia”. Dentro deste programa está “a produção de conhecimento para subsidiar a elaboração, implementação e avaliação das políticas públicas voltadas para o combate à violência e à discriminação por orientação sexual”.

Para além da discussão sobre os direitos humanos desse público, há os dados sobre os crimes por homofobia. “A quantidade de assassinatos de homossexuais e as pesquisas que comprovam a discriminação de gênero, principalmente entre adolescentes, nortearam a Conferência Paranaense de **Direitos Humanos** e Políticas Públicas de Gays, Bissexuais, Lésbicas, Travestis e Transexuais (GBLT). De acordo com dados mostrados no encontro, 2,8 mil homossexuais foram mortos, em todo o Brasil, no ano passado (2007).” Dado publicado no site do Ministério Público da União, *link* do PFDC.

O preconceito e a violência estão presentes e fazem parte do dia a dia dessas pessoas, mesmo a prostituição se tratando de uma forma de trabalho, reconhecida pela classificação brasileira de ocupações do Ministério do trabalho, e meio de renda bem como de autonomia financeira. Segundo Adriana Piscitelli (2005): “Mulheres, travestis, homens se prostituem devido a questões materiais de sobrevivência e para que possamos discutir esta profissão cheia de percalços e rodeada de violência na maioria das vezes, temos que pensar sim nestas pessoas com mais respeito,

¹ Graduada em filosofia pela Universidade federal do Rio Grande do Norte-UFRN e graduanda em Psicologia pela Universidade Católica de Brasília- UCB

² Nome dados por algumas mulheres transexuais e travestis que se prostituem para a rua, ponto de prostituição. Conceito retirado de documentário intitulado “Studio Butterfly” por Virginia de Medeiros realizado com travestis de Salvador/BA,2006.

³ Associação de travestis e mulheres transexuais do DF.



escutar o que tem a dizer sobre esta profissão, sobre os preconceitos, os estigmas em relação ao sexo e por aí vai.” Além dos riscos de sofrer violência há a falta de segurança por estarem na rua.

Na pista² (local de trabalho) a violência parte de policiais, transeuntes, clientes, traficantes do local e assaltantes, informações retiradas do mapeamento de violência contra travestis e mulheres transexuais que se prostituem do Distrito Federal (2009/2010) em parceria com ANAV-Trans³.

Baseado nesses dados, bem como acompanhamento do mapeamento, o foco principal desse trabalho foi a significação desse sofrimento na prostituição enquanto espaço de trabalho, à luz da psicodinâmica do trabalho dejeriana.

O tipo de metodologia utilizada foi a pesquisa etnográfica que tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como principal instrumento. A mesma supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, através de trabalho intensivo de campo (LÜDKE & ANDRÉ, 1986). A etnografia como abordagem de investigação científica traz algumas contribuições para o campo das pesquisas qualitativas que se interessam pelo estudo das desigualdades e exclusões sociais: primeiro, por preocupar-se com uma análise holística ou dialética da cultura, isto é, a cultura não é vista como um mero reflexo de forças estruturais da sociedade, mas como um sistema de significados mediadores entre as estruturas sociais e a ação humana; segundo, por introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica no processo modificador das estruturas sociais.

Prostituição: espaço de trabalho

Paltada na literatura sobre psicodinâmica do trabalho dejeriana que estuda as relações de trabalho de uma forma subjetiva e não prescrita. Se debruçando sobre os processos de saúde e adoecimento, prazer e sofrimento no trabalho e decorrente dele. Na tentativa de fazer um *link* com o que as travestis trouxeram como sofrimento psíquico. Tendo análise psicodinâmica como:

Análise psicodinâmica é um termo proveniente da teoria psicanalítica. Designa o estudo dos movimentos psicoafetivos gerados pela evolução dos conflitos inter e intra-subjetivos. A análise psicodinâmica estende-se até a esfera da concretude e aponta seletivamente o drama vivido, seu conteúdo e o sentido que reveste para aquele que o vivencia. Assim, ela se opõe à metapsicologia, que estuda os processos, as estruturas e os equilíbrios das forças na esfera abstrata dos mecanismos, das instâncias ou tópicos do aparelho psíquico e da economia das pulsões.⁴

⁴ DEJOURS (2004c). Adenddum. Em Lancman, S. & Szenelman, L. (orgs) Chistopher Dejours: Da Psicopatologia a psicodinâmica do Trabalho. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/ Brasília: Paralelo 15. pag.96.



Considerando a prostituição como profissão reconhecida pelo Catálogo Brasileiro de Ocupações, e o dado do mapeamento que revelou que a maior parte das mulheres transexuais e travestis se prostituem como forma principal de trabalho, somando mais de 70% das entrevistadas, percebe-se que a rua é o ambiente de trabalho dessas pessoas, e a prostituição sua forma de renda. Algumas delas relataram que não procuram outro trabalho por causa do preconceito, mostrado na seguinte fala:

Mulher A - Quem é que iria contratar uma travesti para ser gerente de um banco ou vendedora?

Elas também relataram que preferam não ter que passar pelos constrangimentos que poderiam haver numa seleção de pessoas para uma vaga de emprego e outras falaram do medo dessa situação.

O que as fazem ter na prostituição seu ambiente de trabalho. Que traz a questão da sociabilidade, pois as que estão ali são iguais. Apesar da concorrência, é ali o espaço de interação, das risadas, dos choros, das piadas entre outras necessidades de qualquer ser humano. Tratando-se da noite nas ruas, lida-se também com a questão da violência. São os clientes que espancam, os policiais que extorquem dinheiro, fazem cafetinagem, os assaltantes que roubam suas bolsas e/ou dinheiro, os traficantes que vendem drogas, cobram pela “estadia” no local e também roubam. Essa violência gera sofrimento.

Seguindo o pensamento de sofrimento psíquico explicado pela psicodinâmica do trabalho, através de um espaço de fala, não somente individual, mas principalmente coletivo, é possível perceber os sofrimento e as significações.

Comparando os espaços que foram visitados, que eram geograficamente distantes e distintos, as mulheres que foram ouvidas, falaram dessa convivência com a violência e os sentimentos gerados por ela. A fala de uma delas foi bastante forte e ilustra perfeitamente isso:

Mulher B – Uma vez sai com um cliente para fazer um programa e ao terminar ele me bateu e me jogou para fora do carro sem me pagar. Naquela noite fui para casa me sentindo um lixo, uma coisa sem valor.

Esse sentimento foi trazido por várias delas. Cada uma falando à sua maneira de vivenciá-lo, mas sem deixar de ter o cunho de um sofrimento que incomoda.

Mesmo passando por esses problemas, elas conseguem voltar para trabalhar no outro dia. O que caracteriza mais uma conexão com a psicodinâmica do trabalho, no sentido de que embora haja essa violência, há algo mais forte que as fazem ir além desses problemas e ir trabalhar novamente. Então, esse sofrimento é vivido e transformado por elas e entre elas. Poucas procuram ajuda com relação a esses aspectos.



Enfim, é possível fazer um estudo entre a psicodinâmica do trabalho e a vivência da prostituição como ambiente de trabalho por essas mulheres, visto que alguns dos conceitos base desta teoria se aplica a esse contexto carregado de experiência de saúde e adoecimento, violência, subjetividade e sofrimento psíquico.

Considerações finais

Levando em consideração os aspectos que foram brevemente tratados neste texto, foi pensada de que forma a psicologia como ciência, como terapia possível para tratar e/ou aliviar o sofrimento psíquico, poderia contribuir para auxiliar essas pessoas a trabalharem esse sofrimento, tendo um espaço real e terapêutico de fala e escuta. Estando no último ano do curso de psicologia, questiono até onde essa formação está sendo perpetuadora ou não do preconceito. Ao trabalhar com questões de gênero, violência e trabalho, realizei alguns trabalhos acadêmicos sobre os temas, entrando nas práticas instituídas da prostituição, observação do comportamento dos clientes em casa de *strep tease*, estudos do código de ética do psicólogo, (in)visibilidade social entre outros, foi clara a recepção preconceituosa de alguns estudantes e docentes.

Além do total desconhecimento sobre qualquer referência ao assunto, muita opinião completamente baseada no senso comum, e por consequência, bastante preconceituosa, por vezes, descaracterizada do que é humano. Então pensando numa reflexão para os estudantes de psicologia, com o código de ética baseado na Declaração Universal de Direitos Humanos, além da resolução do Conselho Federal de Psicologia, N°001/99 sobre atuação do psicólogo em relação à questão da orientação sexual, que trata claramente da: “Inquietação em torno de práticas sexuais desviantes da norma estabelecida sócio-culturalmente; considerando que a Psicologia pode e deve contribuir com seu conhecimento para o esclarecimento sobre as questões da sexualidade, permitindo a superação de preconceitos e discriminações” e ainda resolve que: “Art. 1° os psicólogos atuarão segundo os princípios éticos da profissão notadamente aqueles que disciplinam a não discriminação e a promoção e bem-estar das pessoas e da humanidade”. Entre outros artigos e parágrafos da resolução, esses aspectos são desconhecidos pelos graduandos.

Em duas entrevistas, Jéssica e Patrícia falaram já terem procurado ajuda de psicólogos para uma terapia, algo que as confortasse, mas foram tratadas como não humanas. Na fala de Jéssica, foi utilizado o termo aberração, que teria sido dito pelo psicólogo em questão, a respeito de sua identidade de gênero. E me foi questionado qual era a postura normal a ser tomada, se a psicologia



tratava a travestilidade ou transexualidade como uma doença ou transtorno, fato que chamou muito minha atenção.

E o que fica é uma decepção com relação às práticas de certos profissionais, que se tornam mais um a continuar com o ciclo de violência.

Acredito que temas de tamanha importância deveriam ser tratados de forma exaustiva na formação do psicólogo, para que os futuros profissionais da psicologia realmente tivessem capacidade suficiente de atender essa demanda sem perpetuar uma forma de violência. Que o que está escrito no código de ética fosse realmente levado em consideração, para não sair para o mercado de trabalho, psicólogos cometendo atrocidades contra pessoas que vão procurá-los na expectativa de um conforto.

Bibliografia

BENEDETTI, Marcos (2004). **Entre a batalha e o corpo:** breves reflexões sobre travestis e prostituição. Em <http://www.ciudadaniasexual.org/boletin/b11/articulos.htm#2>. Consulta em 19/11/2004

BENEDETTI, Marcos (2005). **Toda feita:** o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond.

BENEDETTI, Marcos (2008). **Travestis, prostituição, política e direitos:** uma nota etnográfica. Em <http://www.ciudadaniasx.org/content/view/765/157>. Consulta em 05/04/2009.

BRASIL. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil sem homofobia:** Programa de combate à violência e a discriminação contra GLBT e promoção da cidadania homossexual. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2004.

CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO, 2005.

CORRÊA, S. O. E MUNTARBHORN, V. (orgs.). **Princípios de Yogyakarta:** Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero. Disponível em: <http://www.clam.org.br/pdf/principios_de_yogyakarta.pdf>. Acesso em: 31 de outubro de 2009.

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência.** São Paulo: Atlas, 1987

DEJOURS (2004c). Adendum. Em Lancman, S. & Szenelman, L. (orgs) *Christopher Dejours: Da Psicopatologia a psicodinâmica do Trabalho.* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/ Brasília: Paralelo 15. pag.49-106.

LUDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. **A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986. p.11-21.

MACDOWELL, Pedro de L. **O lugar da abjeção:** Espaço e corporalidade na experiência de travestis que se prostituem. 2008.



MATTOS, Carmem L.G. **A abordagem etnográfica na investigação científica.** Capturado em 20/10/2009, disponível em <http://www.ines.org.br/paginas/revista/A%20bordag%20 etnogr para%20Monica.htm>

MINISTÉRIO DO TRABALHO (2010). *Catálogo Brasileiro de Ocupações.* Disponível em <http://www.mte.gov.br>. Acesso em 15 Jan. 2010.

PELÚCIO, Larissa. "**Mona, eu me cuido**" – Gênero, Saúde e Corporalidade entre Travestis que se prostituem. In: Seminário Homofobia, Identidades e Cidadania LGBTTT, 2007, Florianópolis. Boletim Eletrônico CLAM, 2007.

_____, Larissa. **Travestis - a (re) construção do feminino:** Gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo. In: *Fazendo Gênero 6 - Fazeres Globais, Saberes Locais, Fazeres Locais, Saberes Globais*, 2004, Florianópolis. Programação e Resumo *Fazendo Gênero 6 - Fazeres Globais, Saberes Locais, Fazeres Locais, Saberes Globais*. Florianópolis: Editora Universidade Federal Santa Catarina, 2004. v. 1. p. 78-78.

PISCITELLI, Adriana. Apresentação: gênero no mercado do sexo. *Cad. Pagu* [online]. 2005, n.25, pp. 7-23. ISSN 0104-8333. Acesso em 02 Abril 2009. doi: 10.1590/S0104-83332005000200001.

_____, Adriana. **Corporalidade em confronto:** brasileiras na indústria do sexo na Espanha. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2007, vol.22, n.64, pp. 17-32. ISSN 0102-6909. Acesso em 02 Abril 2009. doi:10.1590/S0102-69092007000200002.

SCHREINER, Lucas et al. **Prevalência de sintomas depressivos em uma amostra de prostitutas de Porto Alegre.** *Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul, Porto Alegre*, v. 26, n. 1, abr. 2004. Disponível <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082004000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 05 Jan. 2010. doi: 10.1590/S0101-81082004000100003.

SILVA, Hélio R.S. **Travestis:** Entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

VANNUCHI, Paulo. **Plano Nacional da Cidadania e Direitos Humanos de LGBT.** Secretaria Especial Dos Direitos Humanos – SEDH da Presidência da República, 2009.

WITTIG, Monique. "**A categoria do sexo**" Traduzido a partir de "The Straight Mind and other essays" Boston: Beacon Press, 1992.